

OPEN CALL

CONTEXTO

Bauhaus of the Seas Sails

ARTE & CIÊNCIA

A CALL TO THE SEA

APOIO



Funded by
the European Union

PARCEIROS



FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN



**OEIRAS
VALLEY**
PORTUGAL

MUNICÍPIO OEIRAS

CONTEXTO DA RESIDÊNCIA ARTE & CIÊNCIA

A Call to the Sea

CONTEXTO GERAL

BAUHAUS OF THE SEAS SAILS

Bauhaus of the Seas Sails é um projeto pioneiro da Nova Bauhaus Europeia e tem como valores fundamentais a sustentabilidade, a inclusividade e a criatividade com incidência local. Um movimento interdisciplinar, intergeracional e interespecies que se centra num processo de reimaginação da relação das cidades e comunidades costeiras e ribeirinhas com os oceanos, mares e outras massas de água, de forma a torná-los mais saudáveis. Um projeto que engloba 18 parceiros académicos, culturais e territoriais localizados em sete cidades europeias (Malmö, Veneza, Génova, Lisboa, Oeiras, Hamburgo, Roterdão) com ecossistemas aquáticos distintos: estuário, lagoa, golfo, estreito, rio e delta. Através de projetos-piloto, o objetivo é demonstrar como um processo de co-design assente em práticas culturais pode produzir propostas inovadoras e concretas que respondam a desafios ambientais e sociais. Em Portugal, a Fundação Calouste Gulbenkian, através do CAM – Centro de Arte Moderna Gulbenkian, é o Parceiro Cultural para a implementação de três projetos-piloto desenvolvidos em colaboração com os municípios de Lisboa e de Lisboa, e com o Instituto Superior Técnico. Estes projetos inovadores, cujos títulos são Ocean Literacy – *A Call to the Sea*, Regenerative Menu – *Eating Between Tides* e Blue Makerspace – *Radical Waters – Concrete Matters*. Estes pretendem trazer um entendimento interdisciplinar sobre como podemos contribuir para um futuro sustentável mais consciente, através de um programa público de atividades, residências artísticas e científicas, e exposições em vários espaços culturais.

OEIRAS E A SUA RELAÇÃO COM O ESTUÁRIO DO TEJO E O OCEANO ATLÂNTICO

Oeiras situa-se na Área Metropolitana de Lisboa, estendendo-se ao longo da margem norte do rio Tejo. Faz fronteira com os concelhos de Sintra, Cascais, Lisboa, Amadora e o estuário do Tejo. Com uma área de 4588,3 hectares distribuída por cinco freguesias, destaca-se pelas extensas infraestruturas verdes e azuis. O seu rico património marítimo conferiu ao Tejo uma dimensão contemplativa, patente no quotidiano e nas conversas dos habitantes de Oeiras – uma verdadeira experiência marítima. À medida que as águas do rio Tejo se misturam com as do Oceano Atlântico, torna-se evidente a profunda ligação entre o rio, o oceano e o território de Oeiras. Esta ligação está profundamente enraizada nas tradições orais da comunidade e no seu património cultural, refletindo uma forte história marítima que continua a ressoar nos dias de hoje. Oeiras, com comunidades de pescadores cujas histórias ecoam através de gerações e com surfistas que refletem modernidade, desempenha um papel fundamental na preservação do rio Tejo. Um empreendimento importante neste domínio é o futuro *Museu do Tejo*, que ficará situado em Oeiras e servirá de homenagem ao legado marítimo e à importância cultural da região.

SOBRE A RESIDÊNCIA

A principal ambição deste projeto-piloto é servir de inspiração e fonte de informação inicial para dar forma ao futuro *Museu do Tejo*, em Oeiras, procurando desafiar estereótipos associados ao que um espaço de museu deve ser, ao considerar o rio como o seu espaço de eleição. Contudo, isto não diminui a necessidade de usar espaços físicos existentes, dedicados à interpretação, exposição e programação. Estes espaços poderão ser desde ambientes naturais a infraestruturas locais que possuam uma relação de proximidade com o rio Tejo. Ao abraçar este rio, como elemento estrutural do museu, fomenta-se uma experiência imersiva peculiar. Um conceito que ao desafiar convenções abre caminho para uma instituição cultural transformadora, que reflete a relação intrínseca entre o ser humano e a natureza. No entanto, nesta fase, as especificidades do que poderá constituir este museu, incluindo a sua visão, estratégia, conteúdos e planos, ainda estão a ser definidas. Deste modo, o projeto-piloto de Oeiras está a implementar um programa de residências colaborativas, nomeadamente sobre a temática da literacia do oceano, que ao investigar sobre a história e património cultural local contribuirá para a raiz metodológica deste museu.

A Residência de Arte & Ciência *A Call to The Sea* dirige-se a projetos artísticos fundados na investigação e colaboração entre artistas visuais e cientistas com a comunidade local. Nesta primeira edição, sob o tema das geografias mais-que-humanas (*more-than-humans*), focar-se-á num dos Aquários mais antigos do mundo – o Aquário Vasco da Gama. Este museu de investigação com raízes históricas profundas é um elo vital entre o seu espaço museológico, o rio e os cidadãos.

Assim, convidamos artistas e cientistas a apresentarem propostas colaborativas que promovam um programa público e educativo crítico, com o objetivo de repensar futuros, usos e impactos do Aquário e da sua coleção zoológica. Projetos que desafiem convenções, estimulem a reflexão e inspirem soluções que promovam o papel dos museus na sociedade e novas relações entre os Humanos e a Natureza. Isto implicará reconhecermos a nossa interligação com a Natureza e que cada ação ressoa através dos ecossistemas. Procuramos propostas que unam os campos artístico e científico, aprofundem a colaboração e a comunicação com espécies não humanas, que criem histórias multiespécies, que abordem problemas para além-dos-antropocénicos e que tragam à tona narrativas menos visíveis de águas e inteligências para além da perceção humana.

Algumas sugestões:

- De que forma os museus, nomeadamente os de História Natural, abordam e narram a história das alterações climáticas? Como estão os museus a combater a degradação da natureza e a contribuir para a proteção ambiental? Como é que as práticas artísticas podem ser utilizadas em coleções museológicas para sensibilizar para as alterações climáticas, ou fomentar novas abordagens e promover futuros sustentáveis? Que imaginários deverão estes museus preservar, ativar ou problematizar?
- Frequentemente, a interpretação das coleções de História Natural ignora narrativas relacionadas com a história do colecionismo. Como podemos descolonizar os seus

discursos e as propostas expositivas com coleções zoológicas vivas? Como podemos expor, com precisão e de forma crítica, as histórias coloniais destas coleções? Poderão as coleções do Aquário Vasco da Gama contribuir para interpretar as operações portuguesas em contextos coloniais?

- Considerando a transformação do mar após a Revolução Industrial, de que modo a coleção do Rei D. Carlos I reflete este período de mudança e que outras narrativas podem emergir quando se imagina um mundo onde a industrialização nunca ocorreu?
- Como podemos repensar os museus do século XXI? Como podemos colecionar e fazer curadoria para um futuro, garantindo a inclusão, questionando o humano e considerando as vozes de seres para além dos humanos (*more-than-humans*)?
- Podem as criaturas marinhas servir de veículo para debates sobre identidade de género e normas sociais? Como podemos compreender as complexas histórias e políticas das espécies através de novos modos de exibição e conservação?
- Como podemos promover novos modos de interação entre os visitantes e os organismos vivos nos Aquários? Será viável e desejável promover uma interação bidirecional, permitindo que os visitantes e os organismos se relacionem entre si? Como é que as tecnologias recentes, como a Inteligência Artificial, contribuem para estas interações?
- Podemos percecionam os conteúdos do Aquário através de estímulos multissensoriais, interligando o som, o olfato, o tato e outros sentidos com a visão?
- Será possível observar e interpretar as reações de organismos aquáticos às interações com os visitantes? Como podemos incorporar estas reações num discurso que promova pontes entre o humano e o não-humano?
- Qual será a forma como espécies distintas dentro de Aquários percecionam os seus visitantes humanos? Como poderemos melhorar a compreensão dos visitantes sobre as realidades vividas pelos seres que habitam os Aquários? Dada a crescente preocupação com o bem-estar dos animais, como se construiria um Aquário sem "aquários vivos"?

LOCAL DA RESIDÊNCIA

O Aquário Vasco da Gama, fundado em 1898, é considerado um dos mais antigos museus de História Natural do mundo, com uma coleção diversificada que celebra os mares em todas as suas formas, nomeadamente a vida marinha. Construído para assinalar o 400.º aniversário da chegada de Vasco da Gama à Índia, tem servido sempre como um local de homenagem à riqueza do mar. Inicialmente gerido pela Sociedade Portuguesa de Geografia, foi depois transferido para a Marinha Portuguesa em 1901. Inicialmente destinava-se a exposições permanentes e temporárias, tendo recebido em 1935 a Coleção Oceanográfica do Rei D. Carlos I, o que levou à criação de um museu permanente. Possuía também uma Estação de Biodiversidade Marinha, fundamental para a formação dos investigadores portugueses do século XX. Apesar da demolição de parte do edifício durante a construção

da Avenida Marginal, essa ala foi realocada na linha de Cascais, dando origem ao atual IPMA – Instituto Português do Mar e da Atmosfera. Atualmente, o Aquário é composto por dois núcleos principais: uma Coleção Museológica, dedicada aos contributos científicos do Rei D. Carlos I e à história do Aquário, e uma Exposição Viva que apresenta ecossistemas aquáticos de várias regiões do mundo e os animais que aí habitam, sensibilizando para a sua preservação.

A Coleção Museológica do Aquário Vasco da Gama concentra o espólio de duas coleções de História Natural: a Coleção Oceanográfica do Rei D. Carlos I, constituída por mais de 2000 exemplares (animais) recolhidos durante as suas 12 campanhas oceanográficas de norte a sul do país (1896-1907), e a coleção do Aquário Vasco da Gama, que contém animais recolhidos ao longo dos seus 125 anos de história. É de salientar que o trabalho do Rei ocorreu num período anterior à industrialização de Portugal, apresentando características que o distinguem de outros. Além disso, alberga várias coleções de animais doadas ao Aquário ao longo dos anos. Estas contribuições abrangem não só a costa portuguesa, mas também outros territórios onde Portugal teve colónias, como a Guiné-Bissau, Angola e Moçambique. As peças expostas são maioritariamente animais naturalizados em meio líquido, havendo também alguns animais empalhados e réplicas em termoplástico de seres de maiores dimensões, como baleias e tubarões. Apresenta-se ainda a biblioteca pessoal do Rei D. Carlos I, que inclui as obras que serviram de suporte aos estudos do Rei, bem como as suas próprias produções bibliográficas. Esta coleção oceanográfica regional é considerada uma das mais completas do mundo, em diversidade e número de peças.

A Exposição Viva do Aquário Vasco da Gama sofreu várias alterações ao longo da sua história. Atualmente, está organizada de modo a proporcionar uma visão pedagógica dos ecossistemas aquáticos e dos seres que aí habitam. A viagem começa num corredor dedicado aos invertebrados, os animais mais simples do oceano, seguido do vasto mundo dos peixes. Aí, a exposição está dividida por regiões do planeta: as águas quentes dos oceanos Índico e Pacífico, os rios temperados da Europa e as águas tropicais da América do Sul e do Sudeste Asiático. Há também um espaço dedicado à evolução dos peixes no seu percurso de conquista da terra e uma sala dedicada aos anfíbios. No entanto, a atração principal da exposição é a Fauna Marinha Portuguesa, numa galeria que alberga cerca de 50% dos exemplares em exposição e tem como objetivo dar a conhecer aos visitantes os mares mais próximos de nós, que banham a costa nacional. A Exposição Viva do Aquário Vasco da Gama destaca-se pelo facto de os seus aquários de menor dimensão, e por isso menos populados, permitirem ver num registo mais íntimo os seres que os habitam, convidando os visitantes a estabelecerem uma relação mais próxima com os animais e, assim, sentirem a disposição de investir na sua conservação. À semelhança de outros Aquários e Jardins Zoológicos, o Aquário Vasco da Gama dedica-se à preservação da biodiversidade, apostando em projetos de conservação e reprodução de espécies ameaçadas, tanto de água salgada como de água doce, como é o caso da raia-curva, do caboz ou da carpa.